



# Entrevista de John French

Concedida a

Flavia Veras; Felipe  
Ribeiro; Luciana  
Wollmann; Lucina  
Matos<sup>1</sup>

Autor de vários livros, dentre os quais *O ABC dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo (1900-1950)* e *Afogados em Leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*, John French é indubitavelmente, uma das grandes referências para a História Social do Trabalho no Brasil. Mas não apenas isso. Profundo conhecedor da História do nosso país, French fala com desenvoltura de diferentes autores nacionais e sobre aspectos do folclore brasileiro. Interessa-se por temas relacionados à escravidão, legislação, política, economia, cultura popular – tanto em escala “local” quanto “global”.

---

<sup>1</sup> Doutorandos (as) pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais – CPDOC/ FGV.

“Generalizações sempre são muito perigosas”, nos alertou John French durante a entrevista que concedeu à revista Mosaico no saguão do hotel onde estava hospedado, em Copacabana. A assertiva referia-se aos cuidados que os pesquisadores devem ter ao estudar a classe trabalhadora, mas bem que poderia ser aplicada à trajetória do historiador, brasileiro, estadunidense e militante John French.

Pronunciando um português impecável de quem viveu anos no Brasil, French nos recebeu muito gentilmente para uma entrevista, um dia após proferir a sua conferência no II Seminário Internacional Mundos do Trabalho, realizado na FGV em novembro de 2012. Vestindo uma blusa azul-democrata - lembrança da última campanha presidencial de Barack Obama a qual se engajou amplamente – o pesquisador norte-americano nos contou um pouco sobre a sua trajetória acadêmica e sua militância política aprendida em casa que aliás, não se limitou apenas a seu país de origem.

Residindo em outros países desde tenra idade devido ao ofício do pai, um teórico em física, French morou na Holanda e depois, no México onde se envolveu amplamente com o movimento estudantil que fervilhava naqueles anos de 1967 e 1968. Retornando aos EUA e já convicto da profissão que desejava seguir, French matriculou-se no curso de Graduação em História no Amherst College, diplomando-se em 1975 após finalizar a sua *honor thesis* sobre a relação entre Franklin Roosevelt e os movimentos operários entre 1934 e 1936.

As inquietações suscitadas por sua pesquisa, assomadas à sua declarada curiosidade empírica com relação à América Latina, certamente motivaram-lhe uma nova partida para o México, desta vez para realizar o mestrado em História do México na Universidade de Pittsburgh. Convicto das articulações possíveis entre os países para além das fronteiras do Atlântico Norte, French optou pelo doutorado em História do Brasil pela Universidade de Yale, em 1985, sob orientação da Professora Emília Viotti da Costa.

Docente na Universidade de Duke, John French dedica-se atualmente à elaboração do seu mais novo livro sobre o ex-presidente Lula. A sua versatilidade como pesquisador, bem como a diversidade presente em seu campo de atuação e áreas de interesse, certamente tornariam aqui qualquer tentativa de generalização um tanto “perigosa” e certamente injusta.

\*\*\*

**Gostaria primeiramente que o Sr. falasse um pouco da sua trajetória e de como surgiu o interesse em estudar o Brasil. Pois, no livro o “ABC dos operários” é dito que isso partiu da experiência com os Estados Unidos e com a Europa.**

O meu pai era teórico em física e eu morei por um ano na Holanda quando tinha cinco, seis anos. Também cheguei a aprender francês depois de sair do primário, porque eu passava os verões no Quebec, Canadá. Depois, quando eu estava com quatorze anos, o meu pai<sup>[1]</sup> estava colaborando com físicos na Universidad Nacional Autónoma de México. Assim eu cheguei a aprender espanhol e passei um ano no México, entre 1967-1968, morando em Copilco ao lado da UNAM - que é a maior universidade da América Latina - exatamente no ano quando houve grande crescimento dos movimentos estudantis. Eu passei muito tempo dentro da universidade coletando panfletos, assistindo algumas manifestações. Era um momento de grande inflexão, aumentado em tal nível para atingir as grandes crises, os grandes movimentos estudantis de 1968. O meu contato com a América Latina foi durante o ano do guerrilheiro heroico, porque o Che Guevara foi morto naquela época, e eu já era politizado antes disso, porque a minha família estava contra a guerra do Vietnã já em 1966, quando a maioria do nosso povo a apoiou e fundou a revista *Underground* na minha escola. Eu voltei aos Estados Unidos antes da matança em Tlatelolco<sup>[2]</sup> no México. Foi bem óbvio que o governo mexicano estava preparando uma ação, porque aumentaram o muro ao redor da Universidade para poder isolá-la e fazer uma ocupação. Eu cheguei de volta em Rochester, New York, em 1968, que também era um grande momento de ebulição, com o

assassinato de Martin Luter King, em abril. Então, eu entrei no movimento estudantil secundarista, assim eu era uma pessoa politizada e atuante já no final dos anos 1960 e começo da década de 1970.

Depois de terminar o colégio, eu fiz uma coisa – hoje em dia eu acho que os pais norte-americanos não deveriam permitir -, mas, com dezoito anos, eu fui para o México, sozinho, de ônibus, para passar três meses fazendo curso sobre América Latina no América Latina no Centro Intercultural de Documentación (CIDOC) - que era um Centro em Cuernavaca - perto da Cidade do México, dirigido por Iván Illich. Era um Centro que fazia parte da igreja onde havia padres envolvidos com a teologia da libertação e exilados latino-americanos. Eu tive contato vivo com a situação da América Latina e desde cedo tive minha opção pela história definida. Eu lia muito sobre história, e então decidi pedir orientações a um professor muito famoso da área nos EUA – Herbert Gutman - que foi uma figura fundamental na “nova história operária” e estudava também a história afro-norte-americana. Ele me sugeriu estudar no Amherst College, que era uma faculdade de 1.250 estudantes, todos homens, que foi aceitar mulheres apenas em 1975 quando eu já estava saindo. Eu sabia desse professor porque o filho de Herbert Gutman era membro do nosso grupo de estudantes secundaristas, então, estávamos sempre fazendo reuniões na sua casa.

### **E sobre o seu interesse em pesquisar o movimento operário?**

O que eu fiz em Amherst não foi história da América Latina, foi história dos EUA e história europeia. Eu comecei com um ano de curso, quase um ano, a ter aulas sobre Alemanha e outros aspectos da história da Europa, para ter uma base, mas não estudei história inglesa.

### **E não propriamente dos trabalhadores, também?**

Você não pode falar da questão da Alemanha, do nazismo, sem pensar na Revolução Russa, sem pensar nos movimentos operários europeus. Mas, em termos da história norte-americana, que era minha especialização, eu estudei sobre história operária norte-americana com professores na Universidade de Massachusetts-Amerst, mas a minha escola, em termos dos EUA, tratava da história do povo negro e a história operária que

surgia na academia naquele momento. As duas coisas estavam no ápice e eu tive oportunidade de fazer o curso com pessoas interessantes e bem conhecidas como Bruce Laurie, Julius Lester e Johnnetta Cole. O meu TCC (*honors thesis*) foi sobre uma questão fundamental, que era a relação entre Franklin Delano Roosevelt e os movimentos operários entre 1934 e 1936[3]. Exatamente a época entre a eleição dele e as grandes greves em 1932. Houve a passagem de um tipo de código de trabalho, a estruturação de uma nova relação entre os operários e as grandes corporações baseadas na sindicalização das grandes indústrias. O fato é que Roosevelt chegou a ser visto como o grande salvador do povo, no meio de uma depressão terrível, mais terrível do que aqui [no Brasil]. Isso não significava que ele, a pessoa que “deu” uma legislação, que “apoiou” a sindicalização ou deixou espaço para uma posterior sindicalização ocorrer decorrente das grandes greves na indústria automobilística (“Flint Sitdown Strike” de 1936-37), quisesse ou aceitasse que isso acontecesse massivamente. Roosevelt era de uma família muito rica, uma pessoa de posses, sua família teve outros presidentes. Ele não era uma pessoa de esquerda tampouco. Na realidade, a relação entre ele, os movimentos operários organizados e a esquerda organizada era conflituosa, porque na realidade ele “deu” uma legislação, mas dentro das possibilidades. Ele cedeu espaço com o objetivo de salvar o capitalismo por meio de reformas. O grande impacto que isso promoveu foi à formação de uma relação de conflito e cooperação, de resistência, de grande popularidade e de crítica. Era uma relação muito menos autoritária, eu diria, do que a relação entre Vargas e o movimento operário dada a existência de uma democracia eleitoral há muito tempo, mas com falhas como a desqualificação de analfabetos e da grande maioria do povo negro como votantes. O desafio analítico com Roosevelt foi entender as complexidades da política, pois os cálculos do presidente de uma família oligárquica não eram tão próximos dos interesses dos dirigentes sindicais, da esquerda e da classe operária como tal.

**E foi justamente a partir dessa experiência e de repente pensando em um exercício comparativo que o Sr. teve interesse pelo Brasil?**

Terminei a tese e saí de Amherst em 1975. Depois eu fiz dois anos de trabalho político como liderança nacional do movimento de solidariedade com o Chile após o golpe. Os acontecimentos neste país com a eleição de Salvador Allende e a Unidade Popular foram muito impactantes e o choque do golpe militar de 1973 foi poderosamente sentido no mundo inteiro. Foi neste contexto que eu encontrei, com vinte e dois anos de idade, a minha esposa Jan (e ainda estamos juntos), somos dois brasilianistas[4].

**O Sr. é brasilianista há mais de trinta anos e é identificado como um brasilianista diferente...**

Eu não sei, todos os indivíduos são diferentes (risos).

**...Digo em relação à maioria da produção dos brasilianistas. Até na orelha do “ABC dos operários” é colocado isso. Tem uma referência dizendo: é um brasilianista de novo tipo, sem tantas estatísticas, um brasilianista que vai a fundo na história social. Como o Sr. se vê na condição de brasilianista?**

Interessante... sempre têm aspectos aleatórios na trajetória das pessoas. Depois de dois anos fazendo política sem ganhar dinheiro, mas muito satisfeito com a vida, eu decidi fazer um curso de doutorado. Eu pedi entrada apenas para uma universidade. Eu estava querendo fazer história operária norte-americana, mas não consegui bolsa e decidi fazer de qualquer jeito, mesmo tomando dinheiro emprestado no banco etc. Cheguei a ir à University Pittsburgh para estudar com David Montgomery,[5] um dos professores mais famoso na área naquela época- uma pessoa altamente interessante que chegou a lecionar em Yale e, como visitante, na Unicamp - mas ele estava fora por um ano. Então, eu decidi estudar América Latina e demorei dois anos para terminar o mestrado e três anos me preparando para fazer história do México no século XIX, porque era esse o meu projeto. Ele era vinculado com a minha tese de mestrado, que depois virou um dos meus primeiros artigos[6], que foi sobre a intervenção estrangeira nos anos 1860 em Tampico, no estado de Tamaulipas. O meu projeto era estudar as grandes lutas políticas lideradas por Benito Juárez[7] - você pode ver uma semelhança com o projeto anterior sobre Roosevelt e os

movimentos populares. Hoje, muitos jornalistas e mesmo alguns ativistas, por falta de conhecimento, sempre dizem que Evo Morales é o primeiro presidente indígena na América Latina, mas isso é falso. Benito Juárez era de origem puramente Zapotec. Ele só aprendeu a falar espanhol com nove anos quando foi para a cidade morar com a irmã, que era empregada numa casa. Ele foi uma pessoa muito famosa por ser o líder dos liberais que chegaram a derrotar os conservadores e a Igreja Católica, e capitaneou a resistência contra a invasão dos franceses (1861-1868). Depois virou presidente por mais de nove anos. É uma figura totalmente incrível, uma pessoa que ocupa um espaço muito interessante, mas também, de um lugar do México que tem uma política muito diferente em comparação com o Império no Brasil. A política no México com a experiência de uma guerra de independência sangrenta e posteriormente, de guerras civis e de resistência anti-imperialista, produziu um povo muito mais lutador e menos subalterno do que aqui numa sociedade baseada na escravidão. Falando comparativamente: houve uma guerra de independência terrível, dezenas de milhares de pessoas foram mortas. Contudo, tais guerras e revoluções, ao mesmo tempo impulsionam primeiro uma conscientização, uma politização de camadas subalternas da população, mas também criam a crença na capacidade de que o povo pode influir. Houve vários países na América Latina no século XIX com pessoas estigmatizadas racialmente que conseguiram chegar a posições de influências políticas e até a ser presidentes, mas quase todos eles são lugares onde houve guerras, porque quem vai lutar não é, em geral, as camadas altas. E, numa guerra, a capacidade de provar-se é uma coisa que deixa as pessoas subirem. Isso não quer dizer que as guerras são boas, mas, ao mesmo tempo, os resultados de vez em quando, são bons.

**No México os trabalhadores tiveram uma experiência revolucionária muito grande, o Sr. fala da Argentina na entrevista que deu para o livro *Na Luta por Direitos*. O Sr. defende que nesse país os trabalhadores tiveram uma experiência muito ligada à praça pública, enquanto que, no Brasil ela esteve mais ligada a questão da CLT, que teria promovido uma consciência legal. O Sr. acha que a experiência de classe dos trabalhadores brasileiros está**

**mais envolvida com a questão legal do que propriamente com o ganho da praça pública?  
Como é que o Sr. vê a formação de classe dos trabalhadores brasileiros?**

É difícil fazer generalizações sobre países grandes como México e Brasil, porque, mesmo em grandes mobilizações e conflitos, como a revolução mexicana (1910-1917) em que 1 milhão de pessoas foram mortas em sete anos, existiram regiões onde não houve grande participação popular. A revolução do México apenas chegou a alguns lugares três, quatro, sete, dez anos depois, já terminada a luta em nível nacional. Generalizações sempre são muito perigosas, especialmente quando você está falando de regiões e países que são quase totalmente rurais. Na realidade, a transformação da América Latina para majoritariamente urbana aconteceu apenas nos anos 1960. Falando do passado do Brasil, temos que pensar primeiro na realidade de um país rural e também no grande peso da escravidão, porque essa forma de trabalho é a origem não apenas da população brasileira, mas também, de muito dos aspectos do autoritarismo na sociedade. Pensando em lutas populares, as chamadas rebeliões regionalistas do século XIX, se tivessem tido êxito, a história brasileira seria outra. Se você analisar a Cabanagem vai ver algumas dessas tendências, que mostram a participação das pessoas abrindo espaço, mesmo sendo escravos, participando das rebeliões nas quais, oficialmente, não estava sendo prometido o fim da escravidão. Mas, no caso de êxito poderia ter causado a morte do regime. Todos os povos e situações têm possibilidades, mas elas são abreviadas quando você tem uma articulação nacional do poder centralizado, baseado no escravismo e com a possibilidade de derrotar rebeliões, que sempre eram regionais e não chegaram a ser uma tentativa com capacidade nacional. Eu acho que considerar a geografia do México ajuda um pouco para apreender isso. Tomar a cidade do México é muito fácil, no Brasil [para o êxito de uma rebelião nacional] seria necessário tomar quatro portos importantes. Mas, o peso regional no Brasil mostra uma faceta bem distinta, em termos das possibilidades, de uma política nacional. A nacionalização da política no Brasil é uma conquista do século XX, especialmente das décadas de 1970-80. Levando-se em conta a composição da classe operária principalmente a partir dos anos 1940, há uma integração nacional, marcando, nos anos 1960 e 1970, uma transformação. Boa parte da população mais humilde daqui [Rio de Janeiro] é nordestina. Eu acho que essa questão de conformação de algum tipo de unidade

coletiva é uma coisa muito difícil, pois existem muitas diferenças e, às vezes, rivalidades entre os povos de regiões diferentes. A legislação do trabalho deixou um espaço para

construir um diálogo, que foi articulado pelos ativistas sindicais e políticos da classe trabalhadora, que sabiam como vincular o imediatismo de pessoas saindo de situações ruins e chegando à cidade, mas encontrando decepções com a realidade da vida urbana. Quase todos os operários que eu entrevistei, quando eles saíram pela primeira vez da fábrica com o pagamento, achavam isso uma maravilha - ter dinheiro em mãos era uma coisa fora do comum para pessoas das áreas rurais. O problema era quando eles encontravam a realidade - naquela época as pessoas que eram analfabetas, não sabiam números e matemática. Como é que eles iriam compreender o mundo no qual o dinheiro que recebeu em mãos, em duas semanas, vai ter um terço do valor? A alta inflação acompanhou o desenvolvimento capitalista no Brasil, a partir dos anos 1940, finalmente chegou ao cúmulo no final dos anos 1980. Imagina o impacto da inflação! Eu e Danny James já escrevemos sobre essas questões de como é que o dinheiro foi compreendido pelas pessoas pobres e pela classe trabalhadora[8], porque dinheiro em si é algo mágico, não tem nenhuma razão para uma coisa de papel ter significância: vou comprar algo de você com isso. É bem complicado, você pode imaginar para essas pessoas. Você tem que pensar de onde é que as pessoas estão chegando, em termos das suas experiências. Todos eles são competentes. Eles estão tentando manobrar um mundo novo, compreender como atuar dentro disso, mas, ao mesmo tempo, eles estão encontrando regras e fenômenos que eles não compreendiam. Quase todas as mobilizações populares daquele período eram vinculadas com as questões da carestia e inflação. Essas duas coisas são fundamentais. Vou escrever um artigo em algum momento sobre isso. A figura dos “tubarões” era muito importante naquela época, tanto no discurso popular e quanto no discurso de políticos chamados de demagogos, mas também dos comunistas. Os “tubarões” eram as pessoas responsáveis pela carestia. Se você não tem uma inflação muito alta não tem esse problema, por isso há pouco discurso sobre “tubarões” hoje em dia, a ideia de que tem alguma coisa muito poderosa que está comendo

o poder aquisitivo da população. Uma das coisas que não tem sido utilizada nas pesquisas são os trabalhos dos folcloristas. Na maioria das vezes, os trabalhos deles são ignorados pelos historiadores. Temos Silvo Romero no século XIX, mas também o movimento folclorista organizado a partir dos anos 1920 e 30. E não apenas Câmara Cascudo, cito Edson Carneiro e outros. Aqueles movimentos foram os únicos a captar vozes populares numa sociedade com desprezo total pela maioria da população, para quem nem se queria dar educação. Se podiam dominar e controlar a sociedade, ter empregadas e empregados que não iriam criar dificuldades, porque você precisava de educação? Os folcloristas saíram para captar aspectos desses discursos populares, isso é uma fonte que as pessoas ainda não chegaram a explorar adequadamente apesar do número de publicações de folclore ser grande aqui no Brasil. Edson Carneiro<sup>[9]</sup>, por exemplo, que tem um museu do folclore com seu nome, é uma pessoa altamente interessante. Rebelde secundarista (junto com Jorge Amado), vinculado à esquerda comunistas nos anos 1930. Era um ativista e pesquisador de grande originalidade. De origem mulata, foi comprometido com o movimento negro, mas também uma pessoa com uma verdadeira missão em relação à ideia de que temos de captar a voz do nosso povo. É uma coisa impressionante. Uma das poucas obras que chegou a utilizar suas ideias foi a de Nei Lopes<sup>[10]</sup>, que este ano recebeu o título *honores causa* pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Fiquei muito feliz. Ele tem um livro sobre a música dos negros no Rio de Janeiro, no qual pega todos os sambas e outras coisas captadas por folclore e folcloristas. Se vocês estão estudando bairros operários e coisas desse tipo, isso é uma fonte importante, porque são diferentes dos processos jurídicos e dos anais dos sindicatos. Se você quer captar alguma coisa que vai abranger algo mais profundo, você tem que procurar outras coisas que podem ser difíceis de encontrar, mas que mesmo oferecendo restrições, abrem a imaginação. Tem um bom exemplo disso, no caso do livro de Tom Rogers *The Deepest Wounds*, um livro importante que ainda não foi publicado aqui<sup>[11]</sup>. Ele estuda a relação entre o ambiente dos operários e da classe patronal em Pernambuco, na Zona da Mata. Analisando o discurso de que o ambiente natural é muito desenvolvido em termos das classes cultas. Joaquim Nabuco, Lins do Rego, Gilberto Freyre, todos eles tem coisas muito bonitas e muito úteis para compreender a visão do mundo social e o ambiente da zona do açúcar<sup>[12]</sup>. Mas, difícil é encontrar a visão dos operários açucareiros. Tom, no entanto, achou umas observações em um folclorista, alguma coisa em um livro de

memórias, uma canção de Jackson do Pandeiro que nasceu na região. Dá para formar um capítulo, naturalmente com menos riqueza e conteúdo do que a visão do ambiente do mundo social dos patrões e da classe dominante, mas ao mesmo tempo é bem útil, porque cria um contraste. É menos difícil fazer isso nas cidades, porque tem maior documentação

em comparação com as condições da Zona da Mata onde a maioria da população é analfabeta ainda hoje, mas com uma capacidade de contar histórias bem desenvolvidas que exigem análises cuidadosas como fez Rogers em um artigo[13]. Essa é uma realidade bem difícil e a música, as festas, são áreas nas quais você pode captar algo daquela história, daquela visão do mundo que é bem distante do mundo urbano.

**Com o surgimento nos anos 1950 e 60 de uma série de greves ou protestos no Brasil relacionados à carestia, a problemas de abastecimentos, ao racionamento de açúcar e a diversos outros alimentos e tendo em vista que vários desses operários eram analfabetos (e não tinham direito ao voto) podemos tentar entender a construção de uma espécie de economia moral desses trabalhadores, seria esse o caminho?**

Eu acho que sim. Todo mundo tem inteligência, não é uma coisa baseada em de onde você nasceu. Como meu pai gostava de dizer, tem um monte de Einsteins que estão nascendo diariamente em lugares afastados, muito pobres, que nunca vão ter educação nem alfabetização necessária para que pudessem atingir suas potencialidades como Einsteins. A capacidade intelectual não depende da minoria que serão chamados de gênios; ela está distribuída em todo lugar. Há pessoas nos lugares mais afastados, menos favorecidas que tem a inteligência para compreender o mundo e oferecer explicações sofisticadas para os outros. Encontrar pessoas desse tipo foi uma coisa fundamental nos trabalhos feitos pelos sociólogos que estudavam fábricas e comunidades nos anos 1970, especialmente em São Paulo. De vez em quando, eles têm um parágrafo sobre alguém que eles entrevistaram e que tinham uma visão, uma explicação do mundo bem clara. Essa visão pode ser um pouco idiossincrática, porque essas pessoas são autodidatas, não são pessoas

com educação, não são cultos, mas elas têm uma capacidade de colocar as coisas na mesa vendo o mundo de uma forma bem bonita, muitas das vezes, poética. Em geral, pessoas com mais educação chegam a ter uma visão um pouco dicotômica entre ciência e história, mas você tem essas coisas que são poesias, músicas e etc. Na realidade a visão do mundo é muito mais rica se você tem uma visão um pouco mais poética baseada em simbolismos e até em noções sobrenaturais. É a mesma coisa sobre a história: se você não reconhece que a imaginação é importante e, no caso do nosso ofício, uma imaginação que tem que ser controlada e disciplinada. É possível ir além do que você pode provar, deve-se mostrar na própria forma de escrever que está sendo feita uma extrapolação. Assim, você ganha o leitor com a riqueza, poder de atração e honestidade do seu argumento.

**Uma questão que não podemos deixar de perguntar é sobre o populismo. O seu livro teve uma repercussão muito grande no debate sobre esse tema, inclusive influenciando bastante as produções que procuram fazer uma releitura do termo atualmente. Gostaríamos de saber como o Sr. vê essa produção acadêmica e, dentro do possível, que falasse um pouco sobre o que o Sr. pensa sobre o “trabalhismo”.**

Já tem tanta coisa escrita sobre isso, que não há muito mais o que dizer. O trabalhismo não faz exatamente parte da história da classe operária em São Paulo. Sei que houve um projeto aqui [no Rio] para falar mais sobre isso, mas este debate agora está um pouco defasado, principalmente, a partir do êxito do governo de Lula. Eu acho que as pessoas precisam perceber que a situação mudou um pouco em termos dos debates neste momento histórico. Mas existem artigos interessantes. Há um livro organizado por Jorge Ferreira<sup>[14]</sup>, mas eu acho que o campo já mudou um pouco. Quando Fernando Henrique Cardoso assumiu a questão neoliberal, veio o discurso dele de sepultar o populismo, acabar com a era Vargas. Em reação, algumas pessoas chegaram, inclusive, a reivindicar a era Vargas de forma, digamos, um pouco idealizada, mas isso foi algo vinculado com o debate político daquela época. Agora estamos em um Brasil diferente, eu acho que já não tem o mesmo impacto. Esse é um debate de quinze anos atrás. Hoje em dia há uma situação diferente... Isso não quer dizer que a discussão sobre populismo vai desaparecer. Pode ser que daqui a dez anos tenhamos um novo debate sobre populismo, mas as coisas estão andando em direções diferentes agora. Hoje em dia, a única coisa vinculada a isso é a

questão do chamado “lulismo”. Eu e o Alexandre Fortes temos um artigo que trata disso<sup>[15]</sup>. É muito difícil pensar o chamado “populismo/lulismo” como sendo manipulação, como ocorria com Getúlio Vargas, um homem altamente autoritário, pertencente à classe dominante do Rio Grande do Sul e sem nenhuma visão democrática. Getúlio Vargas, Ademar de Barros, Jânio Quadros e Lula têm muita coisas em comum, mas são bem distintos em

outros aspectos fundamentais. O que devemos pensar sobre a popularidade de uma figura histórica, de uma personalidade histórica, como Lula? Essa é uma questão na qual sempre se encontrou grande resistência entre os historiadores e cientistas sociais, mas é de grande interesse para mim. Esta é a base do livro que estou escrevendo sobre a liderança de Lula.

**O Sr. fala inclusive da importância da questão simbólica da eleição do Lula. O Sr. poderia falar um pouco sobre isso, sobre o impacto simbólico que a eleição do Lula representou na população brasileira?**

“Como é que vamos ter opinião sobre a vida política, se somos tão pequenos, mal educados e sem cultura?” Na realidade, essa pergunta expressa o preconceito internalizado pelas classes dominadas aqui no Brasil. Isso sempre foi o grande trunfo do controle político sobre o povo brasileiro. Essa discussão consta um pouco no nosso artigo [sobre Lula, escrito com Alexandre Fortes], mas também existe em outros discursos do Lula<sup>[16]</sup>. Não digo nos documentos do PT, porque eles são totalmente diferentes dos discursos do Lula. Não é que eles estejam em conflito propriamente, mas são coisas diferentes. Intelectuais gostam de ler e escrever manifestos e documentos partidários e Lula faz o contato com a maior parte do povo. Ele fala bem, eloquentemente sobre luta contra o preconceito. Eu tenho uma citação muito bonita em que ele diz: “(...) o preconceito da casa grande contra a senzala, dos homens contra mulheres, dos brancos contra negros, etc.”, mas ele não está dizendo que é culpa dos grupos, porque é o seguinte: negros não votam em negros, mulheres não votam em mulheres, pessoas da classe popular não votam em pessoas de origem popular, porque eles não acreditam neles. Você pode trabalhar em um posto de gasolina e isso não quer

dizer que você não tenha inteligência, uma capacidade de atuação. Por isso, desnaturalizar as hierarquias é fundamental, incluindo as formas de preconceito linguístico[17]. A abertura de oportunidades é sempre parte das políticas populares, abrir espaço para a expressão, para o simbólico. Por exemplo, a incorporação, em termos simbólicos, do povo negro durante a época Vargas, com o reconhecimento cultural das suas atividades e criatividade, colocando inclusive o samba no processo comercial do governo, definindo-o oficialmente como cultura nacional, foi um momento muito característico do chamado populismo. Processos semelhantes ocorreram em quase todos os países da América Latina. Houve uma abertura para as questões raciais, para obter-se um reconhecimento que poderia ser simbólico ou altamente autoritário. Você pode ver isso no livro muito bom de Claudia Neiva de Matos, “Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio”, que mostra que o fato do governo pagar aos sambistas já era um reconhecimento[18]. Os artistas, com a malícia típica do carioca, escreviam sambas que tinham aparentemente um tom conformista, mas que, ao mesmo tempo, estavam fazendo uma crítica ao governo. Eles poderiam pensar: “as pessoas de cima acham que são muito inteligentes, mas nós estamos pegando o dinheiro deles e não fazendo exatamente o que estão pedindo”. Então, isso já é alguma coisa, mas para obter um reconhecimento ainda maior, é preciso ir além do campo simbólico. A ideia de que uma pessoa “como nós” está governando o país, é poderosa. É a mesma coisa para as jovens mulheres de hoje em dia. O fato de ter uma presidente mulher não vai transformar a situação das mulheres em si, mas daqui a quinze anos as moças que tem seis anos hoje, vão passar quatro anos - possivelmente oito, não sei - sabendo que existem mulheres competentes, mulheres com autoridade governando o país e isso vai abrir a mentalidade delas para a possibilidade de fazer isso também. Porque na realidade, a representação das mulheres na política brasileira é terrível, é uma das piores do mundo, é uma coisa que não avançou muito desde 1985.

**Na sua entrevista em “Na Luta por Direitos” o Sr. chegou a mencionar uma coisa que ainda hoje é muito cara na discussão política, sobretudo para a classe trabalhadora, que é a questão da legislação trabalhista. O Sr. disse que acredita que ela nunca foi concebida para ser real e que por isso, seus idealizadores, seus elaboradores, puderam ser tão generosos. Este argumento, inclusive, foi reforçado no livro “Afogados em Leis”. Como o Sr. explica a**

### elaboração dessa legislação trabalhista e sua resignificação posterior ao longo da história brasileira?

Eu acho que isso, na realidade, foi um debate no Seminário Internacional do GT Mundos do Trabalho, especialmente a partir de um comentário de Sidney Challoub. Uma boa parte das fontes que utilizamos são fontes jurídicas e por isso existe uma tendência de darmos mais importância aos direitos que as pessoas reivindicam, aos direitos que elas

acham que têm ou que chegaram a conhecer que existem. Então, se você diz: “o povo está reivindicando direitos, isso é bom”. Existe a tentação em enfatizar o fato de que ele “tem direitos”, que ele pode “reivindicar direitos”, em dizer que o sistema de dominação e exploração está aberto de alguma forma fundamental etc. Mas há uma tendência de superestimar a importância da lei e de não pensar de uma forma mais estrutural medindo o poder dentro do mundo jurídico. Para cada caso que chega até a Justiça do Trabalho, existem dez pessoas que não entram, porque sabem que na maioria das vezes não vai dar certo. Donald J. Black<sup>[19]</sup> oferece no seu livro *The behavior of law* uma sugestão que devemos medir a quantidade de lei que as pessoas, camadas, gêneros e classes sociais tem a sua disposição, mesmo considerando um sistema jurídico baseado na igualdade perante a lei. A nossa missão não é reconhecer o *agency*, a capacidade de ação dos oprimidos, demonstrando que não são apenas vítimas. Porque a definição de um ser humano é a sua capacidade de atuação. A questão é que a capacidade de atuar, a amplitude desta possibilidade e do êxito que se pode esperar é muito menor para uma boa parte da população e muito maior para as pessoas ricas, cultas. Existem muitos que têm familiares em posições poderosas, que fazem parte de redes de clientela e tem a capacidade de influir de forma muito maior do que uma pessoa que vive em um cortiço no centro de São Paulo. Então, esta questão de *agency* - mostrar que as pessoas tentam fazer as coisas e que elas conseguem de vez em quando - essa é a verdade da vida. Não é a mesma coisa que fazer um julgamento sobre a natureza de um sistema de poder e a distribuição de riquezas e oportunidades. Porque, muitas vezes, sistemas de dominação criam instituições jurídicas

exatamente para criar um espaço para atrair a insatisfação, pois não se pode desprezá-las totalmente. Assim, diminui-se a pressão e a possibilidade de algum estouro. Por exemplo, nas colônias espanholas, onde era grande a população indígena, existia toda uma justiça voltada para os índios. É muito bom a existência disso. Pessoas que fazem uma apologia do colonialismo espanhol vão dizer que tal medida mostra a capacidade e interesse da Coroa para reconhecer e proteger os direitos das pessoas dominadas, com maiores dificuldades e etc. Mas, na realidade, aquele sistema jurídico era parte de um sistema opressor. Eu acho que temos que ter muito cuidado com a questão do direito. É preciso pensar um pouco além das fontes jurídicas.

**Como o Sr. analisa, enquanto brasilianista, os trabalhos sobre o Brasil?**

Nos anos 1960 e 70 os livros de estrangeiros tiveram uma importância ímpar dentro da historiografia brasileira, numa época em que era muito menor o número de pessoas com ensino superior. Mas o Brasil também perdeu historiadores de alta qualidade na época do regime militar, como a minha orientadora em Yale, *Emília Viotti da Costa*, que foi “aposentada” na USP, um grande ganho para a academia norte-americana. Você pode dizer que naquela época, livros norte-americanos ou franceses eram importantíssimos, em algum aspecto, para o estudo da história do Brasil, ainda que supervalorizados por serem escritos por estrangeiros. Mas eu acho que hoje em dia há uma diferença em termos da produção de história. Há produção de todos os tipos, seja de jornalistas ou historiadores, sobre história no Brasil, tendo como exemplo a existência de tantas revistas populares de história.

Nos anos 1970 e 80 sempre era dito que o “Brasil é um país sem memória”, mas hoje em dia, na realidade, podemos dizer que o Brasil está se descobrindo, que os brasileiros estão procurando saber sobre a história do país, que é muito fascinante e ainda tão pouco conhecida. É muito fácil fazer um “estouro” em termos de história no Brasil. Eu estava vendo na livraria recentemente, que finalmente temos um livro sobre o Barão de Itararé, que foi um famoso humorista comunista. Eu acho que tenho 15 mil citações de coisas vinculadas com as minhas pesquisas no Brasil, onde coloco todas as minhas anotações sobre um livro ou um artigo, etc. Mas hoje em dia a primeira coisa que eu faço é ver as novas teses e dissertações aqui do Brasil, porque tem um monte de coisas novas e muito acessíveis. A produção desse nível é muito alta e existem pesquisas interessantes sendo feitas

mensalmente. Naturalmente, qualquer tipo de produção – livros, teses – a maior parte não vai ser transformadora, mas quase todos trazem alguma coisa nova. Na realidade, hoje em dia as contribuições estrangeiras tem muito menos importância do que antes. E deve ser assim mesmo. No caso dos EUA, o livro do visitante francês Alexis de Toqueville, “*A democracia na América*”, publicado em 1830, seria impossível de ser escrito por um norte-americano estadunidense, não apenas por causa da perspectiva que um estrangeiro tem sobre nosso país em um determinado momento, mas também, porque não havia as

condições intelectuais para esse tipo de análise. Não tínhamos poetas e filósofos interessantes ou coisa assim. A capacidade coletiva em nossa sociedade não permitia alguma coisa semelhante, uma visão empírica e filosófica, uma interpretação como a do livro de Toqueville, que foi escrito por um estrangeiro que é reconhecido como fundamental para nossa identidade como norte-americanos.

**Os balanços sobre a historiografia da classe trabalhadora fazem uma relação direta entre os acontecimentos históricos e a alta ou a baixa quantidade de estudos sobre o tema em questão. Por exemplo, depois da queda da União Soviética, houve certa diminuição no interesse em estudar a classe trabalhadora. O Sr. acredita que a eleição de um operário para presidente do Brasil pode ter desencadeado um maior interesse sobre estudo da classe trabalhadora no país?**

Primeiro, quando você está falando de produção acadêmica, qualquer acontecimento político vai demorar uns dez anos para ter um impacto. Porque na realidade escrever um livro, terminar uma tese, fazer pesquisa, demora muito. Para transformar tese em livro, ainda mais. Em geral, você está falando de uma situação em que qualquer impacto vai ser sentido depois. Houve interesse no movimento operário entre os jovens nos anos 1980, que entraram em programas de doutorado nos anos 1990, época em que supostamente as coisas deveriam estar em queda, mas as pessoas levaram em frente. Eu acho que o campo de pesquisa dos mundos do trabalho é uma coisa que foi gestada, no mínimo, a partir de

1997, com o planejamento e com as reuniões que foram feitas, mesmo sem saber que um presidente [de origem operária] iria ser eleito. O momento chegou, embora não houvesse muito espaço pra isso, e deu certo. Hoje, naturalmente, as condições pra captar recursos e coisas assim são muito melhores, estamos numa época em que o presidente é de esquerda e é vinculado ao movimento sindical. De qualquer forma, achei bem estranho no seminário [II Seminário Internacional Mundos do Trabalho] ter havido tão poucas pessoas mencionando e estudando Lula e os metalúrgicos do ABC.

**Com base no artigo que o Sr. publicou com o Alexandre Fortes, como analisa a eleição do Lula e o crescimento do chamado “lulismo”?**

Veja bem, se você pegar as campanhas eleitorais de Lula, o voto do PT nunca chegou a ser mais de 30% da votação dele. O Lula sempre teve um apelo, uma capacidade de falar e convocar, além do partido. A história dele tem um impacto e atrai simpatias. Uma figura política de êxito numa democracia, que serve como vetor para ansiedade, para esperança e para uma série de coisas desse tipo. Se você quer falar de “lulismo”, pode-se dizer que é um fenômeno existiu na política brasileira bem antes dele chegar à presidência e também existiu no movimento operário no ABC. Na imensa bibliografia sobre as lutas operárias dos metalúrgicos no ABC, os cientistas sociais sempre falavam do Lula como produto da classe metalúrgica ou Lula como “representante da opinião dos metalúrgicos”. O tipo de explicação oferecida pelo marxismo, pela história social ou de várias perspectivas teóricas modernas, era de desprestigiar o papel do indivíduo e maximizar as coletividades ou estruturas. Mas, se você pega as imagens de lutas - eu fiz a contagem - na época das presidências do Lula no sindicato dos Metalúrgicos do ABC você vai ver que em 1/3 das fotos, ele está presente.<sup>[20]</sup> As pessoas que trabalhavam para o sindicato não achavam que Lula era “apenas um dos companheiros”. Nas grandes assembleias, Lula sempre falou mais ao final da reunião, quando os operários gritavam: “Lula, Lula, Lula...”.

Há intelectuais que acham que você não pode reconhecer que uma pessoa é um gênio. Não devemos manter essa ideia de menosprezar a contribuição individual. É um problema que no curso que estou ministrando agora para os meus estudantes de doutorado

tentamos lidar. Estudamos sobre as guerras de independência e estamos lidando com a figura de Simon Bolívar e outras pessoas desse tipo. Não se trata de voltar para a história dos “grandes homens” (ou pode ser mulheres). Isso é uma questão fundamental, teórica e metodologicamente. Mas é necessário reconhecer que grandes momentos históricos e grandes movimentos sociais tendem quase sempre a ter figuras que são consideradas pelas massas - pelas pessoas envolvidas - como sendo fundamentais e emblemáticas da luta. Por exemplo, a Revolução Cubana com o papel de Fidel Castro. Sem Fidel e sem as suas

capacidades e características individuais, não iria acontecer o que aconteceu. Mas a questão é a seguinte: “a Revolução Cubana é igual a história de Fidel?” Não, não é isso! É que as duas coisas são totalmente envolvidas e quando chegou o momento dele decidir cortar os laços com o capitalismo - depois da invasão norte-americana - e declarar-se comunista-marxista-leninista, a maioria da população de Cuba não estava preparada para isso. Mas ele escolheu o momento certo pra fazer isso, com a justificativa “Eu apoio Fidel” a transição foi feita. Com isso, pode ser que pessoas tenham chegado a ser comunistas. Vamos dizer, no sentido que intelectuais gostam de pensar e outros vão permanecer “fidelistas”. Assim, você pode reconhecer que o fenômeno ao redor da Revolução Cubana e de Fidel são permeados por uma complexa relação entre pessoas, ideologias, motivações, etc. A ideia que eu tenho é que o vínculo pessoal com Fidel é uma coisa fundamental. O livro que estou terminando agora é sobre a política a astúcia de Lula, abordando desde o sindicalismo até a presidência. Mas é uma astúcia, ou malícia (que você pode ter no mesmo sentido da capoeira) que tem uma natureza de liderança na forma de exercer e criar poder e de mover as pessoas, que é muito semelhante desde a época de sindicalista. A única diferença é que ele mudou de um sindicato para a construção de uma central sindical e de um partido, depois para as campanhas presidenciais, utilizando, exatamente, a mesma forma de liderança, que, na realidade, também é bem brasileira. A liderança de Lula, inclusive, é bem diferente de Hugo Chaves. Eu tenho até um artigo fazendo uma comparação entre Chaves e Lula[21]. Chaves era uma pessoa muito mais polarizadora que política. Ele é também uma pessoa que ganhou

muito mais eleições que Lula. Chaves sempre citava Lula, mas ao mesmo tempo, é uma pessoa que fez uma clivagem, uma polarização na sociedade ao redor da sua figura. Daí todo mundo reconhece que você está falando de chavismo e não de um partido político, nem de uma ideologia. Ao mesmo tempo, uma das fraquezas de Chaves foi o fato de ter deixado muitos inimigos para trás. Já Lula apresenta uma prática bem brasileira, na qual o inimigo de hoje pode ser o amigo de amanhã. Ele não deixa muitos inimigos para trás, nem deixa pessoas com grande ódio. A questão é sempre não perder o que você já conquistou e colocar mais pessoas ao seu redor.

**Hoje a sociedade brasileira acompanha no Supremo Tribunal Federal a decisão em relação ao mensalão. Como o Sr. avalia o impacto que o mensalão terá sobre o Petismo e sobre o “lulismo”?**

Eu não sei. Eu acho que o povo brasileiro, em geral, é bem realista. Podemos dizer: bem cético sobre a política. A ideia que os políticos roubam não é notícia, possivelmente, isso é notícia para pessoas cultas e advogados constitucionais. Mas, eu duvido na verdade, porque eles têm um discurso dizendo: “ah, estou chocado!” Mas não estão tão chocados quando o que está acontecendo beneficia a eles. Então, eu acho que isso é um tipo de falso moralismo exacerbado, o que não quer dizer que corrupção não seja um problema em todos os países. A política estadunidense é totalmente cheia de coisas corruptas, ela é muito mais corrupta que a política de muitos países da Europa. Uma das críticas que sempre foi feita, partindo inclusive de posições fascistas, é que democracia é igual corrupção. E, é verdade. Todas as esferas de interesses estão sempre tentando angariar benefícios do governo - e existem maneiras de fazer isso – como com circuitos mais rápidos - isso é parte do jogo da democracia. Você não pode dizer que existe uma democracia que não vai ter nenhum ato de corrupção. A questão é que a corrupção e o adultério são semelhantes: uma coisa que vai acontecer, mas tem que ser controlada e tem que ter vigilância. Eu acho que o governo de Lula não fez um trabalho razoável de tentar combater a corrupção. Contudo, não é uma crise que vai ter grande influência. Eu fiz uma apresentação, em março de 2006, em Washington, eu estava numa conferência - tem uma versão em inglês - e é bem engraçado. Eu estava querendo apresentar algo sobre o meu livro e eles queriam a minha opinião sobre a crise do

mensalão. Eu dizia claramente que eu achava que não daria em nada, e em termos da eleição de 2006, não deu.

**E, mesmo com toda essa votação do mensalão no Supremo, a Dilma está com o nível de popularidade ainda maior.**

Como eu estava dizendo: o mundo não é composto de anjos. É uma coisa que você tem que reconhecer. Na realidade, acho que [aqui no Brasil] vai ser engraçado assistir o novo filme de Spielberg, “Lincoln”. É um filme excelente! É sobre uma questão política: a emenda constitucional para o fim da escravidão. Então o filme conta uma história de quatro meses. Porque, ele fez a emancipação dos escravos baseado na ideia de poderes especiais de guerra, que não estavam dentro da constituição. O Senado deu apoio para o governo, mas ainda eram necessários vinte votos, assim o drama gira em torno de como conseguir esses vinte votos, e a primeira coisa feita é a contratação de “especialistas”. Eu acho que esse filme, quando chegar aqui, abrirá espaço para repensar o mensalão.

**Quais são os seus estudos atuais? Podemos considerar o “lulismo” como seu foco de estudo hoje ou existem outros debates que o Sr. está travando?**

O ensaio sobre o governo do Lula, a eleição de 2010 e a trajetória do PT são as coisas mais importantes para mim - fazem parte de um projeto conjunto com Alexandre Fortes para em quatro anos desenvolvermos reflexões que possibilitem fazer uma avaliação da gestão. É necessário concluir isso para depois ter a oportunidade de terminar o livro sobre Lula. Eu estava trabalhando com essas questões há muito tempo e tenho algumas partes publicadas. O trabalho que foi feito de 2007 para frente, para tratar dos governos de esquerda na América Latina, está terminado. Eu publiquei vários artigos dessa temática nos

últimos dois anos e agora eu estou em uma situação boa para terminar o livro sobre o Lula. Esse é meu objetivo para o ano que vem: terminá-lo e lançá-lo nos Estados Unidos e aqui no Brasil. Eu acho que vai ser a primeira interpretação séria sobre o assunto, pois se trata de uma análise baseada no conhecimento de todas as etapas da carreira de Lula, e não apenas um estudo biográfico – mas, uma análise da liderança do Lula e do que podemos compreender do Brasil a partir da trajetória dele. Eu acredito que vai ser bem útil. Além disso, eu tenho outras pesquisas em andamento, uma delas é sobre globalização. Também tem o livro sobre os metalúrgicos do ABC, nos anos 1950 e 60, que ainda falta terminar. E eu tenho um ensaio - um capítulo que acabou sendo publicado em 2011[22] - sobre o líder operário comunista Marcos Andreotti[23] no começo dos anos 1950. Eu tenho vários outros capítulos já terminados desse livro. Mas, originalmente, a proposta era de falar dos metalúrgicos de 1950 até 1980, de Andreotti à Lula. Porém, depois de 1989 e de 1994 ficou mais difícil, porque o Lula foi se tornando uma figura muito mais política do que apenas sindical. Eu cheguei, também, a fazer um ano de pesquisa em Sergipe, sobre os votos no nordeste para o Lula em 2002. Eu já estava começando a pesquisar para além do ABC, mas isso se tornou cada vez mais difícil, uma vez que eu tenho capítulos sobre antes de 1964, mas, ao mesmo tempo, estou indo além de 1980. Então, finalmente, eu decidi fazer uma clivagem e separar as pesquisas.

**Uma breve análise sobre o Seminário “Mundos do Trabalho”. O que o Sr. achou das apresentações e dos debates, sobretudo da produção brasileira relacionada a classe trabalhadora?**

Eu conheço um monte de pessoas envolvidas na conferência, é a segunda vez que eu estou falando em uma jornada nacional aqui no Brasil. Também cheguei a acompanhar e participar de várias reuniões vinculadas com a formação do GT [Grupos de trabalho Mundos do Trabalho da ANPUH]. Eu sou parte do processo, parte menor, mas participando e ficando muito satisfeito com o que aconteceu. Eu acho que foi excelente. Foi uma quantidade enorme de trabalhos, não sei ao certo o número. Nos EUA e Europa é impossível encontrar um tipo de entusiasmo no campo de pesquisa vinculada com as questões operárias, ou questões de trabalho de qualquer tipo. A necessidade de renovação é sempre latente e

percebi no evento a transferência de um campo de pesquisa para uma nova geração abrindo campos e linhas de pesquisa. Isso me dá uma grande satisfação.

### **Para fecharmos, o Sr. poderia fazer algumas considerações sobre Historia Global do Trabalho?**

Depois de terminar o *ABC dos Operários*, na realidade quando eu estava terminando, foi fundada a revista *Latin American Labor News*, em 1989, saíram dezessete números em dez anos. Era um trabalho sem grande apoio institucional. Depois, eu mudei da Universidade Internacional da Florida para Duke e decidi fazer uma coisa mais contemporânea. Então, eu fiz um projeto junto com um economista para estudar a questão social do trabalho no

Mercosul, abordando o Tratado de Livre Comércio (TLC) entre EUA, México e Canadá. Esse trabalho durou três anos e acabou com uma grande conferência com pesquisadores de todos os países do Mercosul e do TCL. Eu já estava fazendo trabalhos vinculados a essas questões que vão além das fronteiras nacionais, que hoje em dia recebem o nome de “transnacionais”, “globais”, etc. Isso por causa dos meus interesses e participação nos debates vinculados com os acontecimentos da década de 1980 e 90. Então, já faz vinte anos que trabalho com o tema da globalização. Era uma época que os historiadores, no geral não estavam interessados nisso. Na realidade, os pesquisadores eram pessoas das humanidades, da sociologia, sobretudo. Porque historiadores sempre chegam mais tarde nessas discussões. Podemos dizer que fazem um trabalho melhor no final, mas nunca abrem as discussões. Eles tentam fechá-las e muitas vezes chegam a fazer algo que vai negar todos os estudos feitos anteriormente. Isso é uma dificuldade, porque a coragem de oferecer grandes generalizações é característica da sociologia. A história é mais ponderada, em geral, é preciso provar etc, etc. Eu acho que esse projeto teve uma consequência, pois houve uma conferência em 1995 e fizemos uma reunião no “Instituto dos Estudos Avançados” da USP sobre a questão sindical e o tema do tratado de livre comércio[24]. Foi muito interessante, sobretudo porque um dos principais representantes brasileiros era Silvia Portela, uma

pessoa ligada à CUT. Assim, em 1999, no contexto das grandes manifestações em Seattle em relação à Organização Mundial do Comércio, eu era um dos únicos preparados para dizer alguma coisa sobre isso. Então, eu publiquei um artigo falando de tais manifestações e discutindo sobre o que estava acontecendo no nível internacional e institucional – tratando da OMC etc[25]. Estava planejando terminar um livro sobre esse projeto, mas tem várias coisas ao mesmo tempo.

Falando da história global do trabalho, eu acho que é importante e bom a abertura de debates, o compromisso e a entrada de pessoas de outras áreas nas discussões historiográficas. Eu publiquei um artigo no ano passado que fala disso - da tentativa, por exemplo, de usar a expressão “global history” ou “transnational history”[26]. Mas isso não é muito importante, na realidade, porque todas as palavras podem estar em debate: história transnacional, história global, história do mundo, história além das fronteiras, etc. Elas estão tentando lidar com problemas semelhantes. Todas as palavras são necessárias para separar analiticamente os fenômenos que estamos tratando. Global/ transnacional - o exemplo que gosto de dar sobre as diferenças é o seguinte: as Nações Unidas é uma instituição global, porque envolve o mundo inteiro e ao mesmo tempo é uma instituição internacional, pois é organizada segundo nações. Então, global e transnacional não acaba com internacional, porque ele trata do fato de que os estados são a base da instituição. Ou seja, é uma força de trabalho multinacional, porque são de todas as nações que buscam sua representação através da instituição em questão, agregando pessoas de origens nacionais diferentes, mas que estão trabalhando nos mesmos escritórios, envolvidos nos mesmos processos e acontecimentos, nas discussões e nos debates, etc. São fenômenos transnacionais. Também podemos observar que a OMC e as Nações Unidas são organizações supranacionais, menos poderosas, mas hierarquicamente acima dos Estados Nacionais. No entanto, alguns dos problemas discutidos nessas instituições relacionam-se com problemas subnacionais e outros são translocais. Isso quer dizer que todas essas palavras são necessárias, mas é preciso lidar de forma mais sofisticada com as implicações analíticas de todas essas palavras, fazendo distinções entre elas e não apenas escolhendo transnacional ou global como bandeira. Não pode dizer que transnacional é preferido porque eu gosto. É uma questão de rótulos, de marcas registradas, mas eu acho que é muito difícil defender a utilização exclusiva de apenas uma palavra. Isso diz mais respeito sobre a questão de concorrência no

mercado internacional acadêmico, não tem muito a ver com a realidade do que temos que fazer.

Finalizando, quero agradecer a oportunidade oferecida pela entrevista com perguntas sérias que refletem um nível de conhecimento e engajamento impressionante. Boa sorte no futuro e vamos manter contato.

---

[1] Os pais de John French eram canadenses e posteriormente foram naturalizados norte-americanos.

[2] Também conhecida como Noite de Tlatelolco. Apenas 10 dias antes dos jogos olímpicos que se realizaria na cidade a polícia abriu fogo contra as pessoas que se encontravam protestando contra a ocupação militar da UNAM. O massacre ocorreu entre o fim da tarde e a noite de 2 de outubro de 1968, mulheres, crianças e outras pessoas que transitavam pelo lugar foram atingidas, não existem número certo de mortos, mas estima-se que cerca de 250 foram assassinadas pelas forças militares do governo.

[3] "Crisis and Change in American Working Class Leadership: The Origins of the Congress of Industrial Organization, 1933-1935," (Senior Honors Thesis, Amherst College, 1975).

[4] Jan Hoffman French. **Legalizing Identities: Becoming Black or Indian in Brazil's Northeast**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009.

[5] <http://www.nytimes.com/2011/12/09/us/david-montgomery-84-dies-chronicled...> Um artigo sobre o movimento operário norte-americano de século 19 surgiu dos estudos com Montgomery: "'Reaping the Whirlwind:' The Origins of the Allegheny County Greenback Labor Party in 1877," *Western Pennsylvania Historical Magazine*, Vol. 64 #2 (1981), pp. 97-119.

[6] "Commercial Footsoldiers of the Empire: Foreign Merchant Politics in Tampico, Mexico 1861-1866," *The Americas*, Vol. 46 #3 (January 1990), pp. 291-314.

[7] Estadista liberal mexicano de origem indígena, ele governou o país entre 1858 – 1872.

[8] John D. French and Daniel James., "Squaring the Circle: Women's Factory Labor, Gender Ideology, and Necessity," In *The Gendered Worlds of Latin American Women Workers: From Household and Factory to the Union Hall and Ballot Box*. (Durham: Duke University Press, 1997), 29.

[9] O primeiro livro de história sobre Palmares era dele: *O Quilombo Dos Palmares, 1630-1695* (São Paulo: Editora Brasiliense, 1947) ; uma versão menor saiu primeiro em espanhol no México, em 1946. E em

1950, Carneiro publicou uma obra pioneira *Antologia do Negro* (Rio de Janeiro: Globo, 1950) que teve varias reedições incluindo uma versão pela Agir em 2005.

[10] O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: Partido-Alto, Calango, Chula, e outras cantorias. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

[11] Thomas D. Rogers, **The Deepest Wounds: The Laboring Landscapes of Sugar in Northeast Brazil** (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010).

[12] Um ensaio de Rogers sobre a visão do ambiente da elite está disponível em Português <http://www.ufrj.br/SEER/index.php?journal=chsr&page=article&op=view&pat...>

[13] Thomas Rogers, "Race, Respect, and Authority in Contemporary Brazil: Interpreting the Stories of Sugarcane Workers." *Labor: Studies in Working Class History of the Americas* 8, no. 2 (2011): 123-46.

[14] Ferreira, Jorge (org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

[15] John D. French and Alexandre Fortes, "Nurturing Hope, Deepening Democracy, and Combating Inequalities in Brazil: Lula, the Workers' Party, and Dilma Rousseff's 2010 Election as President." *Labor: Studies in Working Class History of the Americas* 9, no. 1 (2012): 7-28; Alexandre Fortes, and John D. French, "A 'Era Lula,' as Eleições Presidenciais De 2010 E Os Desafios Do Pós-Neoliberalismo." *Tempo Social. Revista de Sociologia da Universidade de Sao Paulo* 24, no. 1 (2012): 201-28.

[16] Irllys Alencar F. Barreira, "Um Operário Presidente? Ideologia e Condição de Classe no Universo da Representação Política." In *Como Se Fazem Eleições No Brasil*, edited by Beatriz Maria Alásia de Heredia, Carla Costa Teixeira and Irllys Alencar F. Barreira (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002).

[17] Marcos Bagno. **Preconceito Lingüístico: O Que É, Como Se Faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

[18] Cláudia Neiva de Matos. **Acertei No Milhar: Malandragem E Samba No Tempo De Getúlio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

[19] Donald J. Black. **The behavior of law**. New York: Academic Press, 1976.

[20] Aloizio Mercadante Oliva and Luis Flávio Rainho, eds. **Imagens Da Luta: 1905/1985** (São Bernardo: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema, 1987)

[21] "Understanding the Politics of Latin America's Plural Lefts (Chávez/Lula): Social Democracy, Populism, and Convergence on the Path to a Post-Neoliberal World," *Third World Quarterly*, Volume 30 #2 (2009), 349-370.

[22] "Understanding the Politics of Latin America's Plural Lefts (Chávez/Lula): Social Democracy, Populism, and Convergence on the Path to a Post-Neoliberal World," *Third World Quarterly*, Volume 30 #2 (2009), 349-370.

[23] Fundador do Sindicato dos metalúrgicos do ABC, entrevistado por John French em 1982.

[24] Hélio Zylberstajn, Irám Jácome Rodrigues, Maria Silvia Portella de Castro, and Tullo Vigevani, eds. **Processos De Integração Regional E a Sociedade: O Sindicalismo Na Argentina, Brasil, México, E Venezuela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

[25] "From the Suites to the Streets: The Unexpected Re-emergence of the 'Labor Question,' 1994-1999," *Labor History*, Vol. 43 #3 (2002), pp. 285-304.

[26] "Another World History Is Possible: Reflections on the Translocal, Transnational, and Global," *Workers, Across the Americas: The Transnational Turn in Labor History*, Ed. Leon Fink (New York: Oxford University Press, 2011), 3-11.